

Grupo Focal em Pesquisas Sociais

MARIA LÚCIA SILVA SERVO *

PRICILA OLIVEIRA ARAÚJO **

Resumo

Este artigo tem como objetivo discutir a técnica de grupo focal em pesquisas sociais. Apresentam-se as concepções sobre grupo focal. Traz-se os postulados de Pichon-Rivière sobre grupo operativo, os instrumentos de planificação, os vetores do campo grupal para nortear a dinâmica e a observação do campo grupal, bem como a organização, a operacionalização e a análise dos dados das sessões de grupo focal. Através desta técnica de coleta de dados em pesquisas sociais, é possível a construção do ECRO grupal sobre a tarefa proposta pelo pesquisador; e, a elaboração do projeto grupal a partir da aceitação ativa dos sujeitos sociais participantes da investigação.

Palavras-chave: Grupo Focal; Pesquisa Social. Técnica de Coleta de dados.

The Focal Group in Social Researches

Abstract

This article has as objective to place the technique of focal group in social researches. It comes the conceptions on focal group. It is brought the postulates of Pichon-Rivière on Operative Group, the planning instruments, the vectors of the field groups for nortear the dynamics and the observation of the field groups, as well as the organization, the operacionalização and the analysis of the data of the sessions of focal group. Through this technique of collection of data in social researches, it is possible the construction of the ECRO groups on the task proposal for the researcher; and, the elaboration of the project groups starting from the active acceptance of the subjects social participants of the investigation.

Key words: Focal group; Researches Social; Technique of Collection of data.

* **MARIA LÚCIA SILVA SERVO** é Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela USP. Professora Plena da Universidade Estadual de Feira de Santana.

** **PRICILA OLIVEIRA ARAÚJO** é Enfermeira. Professora auxiliar do Departamento de Saúde da UEFS. Especialista em Enfermagem do Trabalho. Mestranda em Enfermagem pela UEFS.

1. Introdução

A motivação inicial para escrever este artigo decorre da nossa experiência no desenvolvimento do processo de coleta de dados, através da aplicação da técnica de grupo focal ao realizar tese de doutorado (SERVO, 1999). Nesse estudo, frente a sua natureza, encontramos nesta técnica a pertinência de sua aplicação no que concerne à apreensão de conteúdos manifestos e latentes no nível grupal.

O grupo focal em pesquisa social possibilita lidar com instrumentos de intervenção grupal, que compreendem as dimensões subjetivas. Esta estratégia constitui-se na construção de um espaço em que é possível explicitar as dificuldades que se cristalizam no decorrer da vida cotidiana, no que se refere a qualquer temática em estudo.

A utilização da técnica do grupo focal em pesquisa foi proposta e aplicada pela primeira vez no campo das ciências sociais em 1956, por Merton, Fisk & Kendall. Estes poucos publicaram a respeito de suas experiências (WESTPHALL *et al.*, 1996).

O interesse por entrevistas em grupo pauta-se na facilidade de obter-se dados com um certo nível de profundidade, em um período curto de tempo. É constituído por um conjunto de pessoas selecionadas e reunidas por pesquisadores para discutir sobre um determinado tema ou objeto de pesquisa (GOMES, 2005). Entretanto, não é processo simples, envolve aspectos complexos referentes às relações humanas e à dinâmica grupal.

Para a abordagem da técnica de entrevista de grupo focal faz-se necessário o entendimento do que é grupo. Para tal, apoiamo-nos na concepção de Pichon-Rivière (1998a, p.159) sobre grupo ao afirmar que este é

“um conjunto restrito de pessoas ligadas entre si por constantes de tempo e espaço, e articuladas por sua mútua representação interna... que se propõe explícita ou implicitamente a uma tarefa, que constitui seu objetivo ou finalidade”.

Em estudo realizado, Servo (1999; 2001) assinala que por ser técnica qualitativa, o grupo focal possibilita o processo de reflexão sobre os conceitos socialmente construídos na prática profissional e na pesquisa, de forma que permite identificar a dicotomia presente entre o valor atribuído a ela e a inexistência dessa prática reflexiva no e sobre a situação de trabalho ou de estudo.

Assim, o presente estudo tem como objetivo discutir a técnica de entrevista de grupo focal em pesquisa social.

2. Arcabouço teórico-prático de apoio à técnica de Grupo Focal: o Grupo Operativo de Pichon-Rivière

A teoria e técnica de Grupo Operativo de Pichon-Rivière podem subsidiar e nortear a técnica de Grupo Focal. O referencial de apoio da teoria e técnica de Grupo Operativo no grupo focal é importante para o entendimento de que o comportamento se efetua sempre em dois níveis – o da tarefa explícita compartilhada conscientemente e o das emoções e sentimentos que emergem a partir da relação do grupo com a coordenação e com a tarefa. Este corresponde a dimensão do implícito, do latente e do inconsciente.

O primeiro nível (o da tarefa explícita) é racional, consciente e não é suficiente, pois nenhum grupo se mantém num comportamento 100% racional. A tarefa é realizada e sua análise está subordinada à percepção, memória e julgamento, portanto, depende da

análise correta da realidade exterior, da coordenação de papéis e regulação de ações (CIAMPONE, 1998). Esse nível dá conta do suporte teórico proposto por autores que utilizam o grupo focal.

No segundo nível está o irracional e inconsciente. Portanto, para observação e análise desse conteúdo latente, é preciso ter sustentação teórica advinda da psicanálise e da psicologia, pontos estes, trabalhados por Pichon-Rivière, na teoria e prática de Grupo Operativo. Os quatro princípios, citados por Grunspun (1997), facilitam a compreensão do nível de comportamento latente. São eles: a importância do conceito de que existe um funcionamento mental inconsciente; a noção de que os conflitos não suportáveis são reprimidos levando à repetição motivada de sintomas; a visão de que sintomas têm conteúdos e significados latentes tanto para o indivíduo quanto para a sua adaptação ao ambiente; e o conceito da transferência.

A técnica de Grupo Operativo, a partir dos postulados de Pichon-Rivière (1998a; p. 123-126), é “interdisciplinar, acumulativa, interdepartamental e de ensino orientado... em que diante de uma máxima heterogeneidade dos componentes, pode-se obter uma máxima homogeneidade na tarefa”. Neste processo, a utilização dos instrumentos de planificação do Grupo Operativo pela equipe de coordenação do grupo focal, é fundamental. Estes instrumentos, segundo Ciampone (1998), consistem em: observação, interpretação, transferência, contratransferência e assinalação.

A interpretação é atribuição do sentido latente existente nas palavras e nos comportamentos, é formulada pelo coordenador para estabelecer uma comunicação com o indivíduo ou grupo.

A transferência é o processo em que os afetos inconscientes se atualizam na situação de interação, isto é, dos afetos despertados, depositados no coordenador.

A contratransferência é o conjunto de afetos inconscientes em que a equipe de coordenação experimenta diante de uma pessoa ou grupo com o qual estabelece uma interação.

A assinalação é a intervenção do coordenador no processo grupal, no sentido de estimular e facilitar a participação dos integrantes, buscando integrar as experiências, desocultar o conteúdo implícito, latente e esclarecer a relação entre significante e significado.

Ciampone (1998); Chiesa & Ciampone (1999) recomendam que no processo de observação, deve-se estabelecer um recorte de tempo para o acompanhamento do processo grupal, buscando sistematizar o momento que compreende o início da formação do grupo, contemplando a abertura, o desenvolvimento e o encerramento.

Desse modo, o recorte de tempo para o acompanhamento do processo grupal permite sistematizar que em cada sessão, no momento da abertura, seja trazida a temática e entregue o material correspondente, se houver. A partir da temática básica, o observador registra fielmente o material, quanto à forma e conteúdo, expresso pelos participantes.

Por sua vez, o desenvolvimento de cada sessão ocorre quando o grupo, num determinado momento demonstra reações, sinalizando que se encontra em postura de tarefa. Nesse estado, o grupo rompe com o estancamento da aprendizagem da realidade e consegue elaborar as ansiedades. Assim, surgem as primeiras manifestações frente à temática tratada. Por fim, no

acompanhamento do processo grupal, observa-se que o encerramento ocorre no momento final da sessão em que se elabora a síntese do acontecer grupal.

Pichon-Rivière (1998a) refere que na observação da dinâmica grupal, devem ser identificados os vetores do campo grupal. Esses vetores permitem construir um esquema denominado de cone invertido, em que a parte superior, representa os conteúdos emergentes, manifestos ou explícitos; na parte inferior, no vértice estão os conteúdos latentes, não manifestos ou implícitos; e a espiral retrata o movimento crescente de tornar explícito os conteúdos implícitos, os medos básicos da perda e do ataque, presentes em todo o processo de mudança.

Os vetores do campo grupal norteiam a interpretação da dinâmica grupal e são representados pelo cone invertido. Segundo Ciampone (1998) são sete os vetores, a seguir: A afiliação expressa quanto cada elemento do grupo demonstra ter se tornado membro do grupo, associado, agregado ao mesmo.

A pertença consiste no sentimento de pertencer a um grupo, manifestando-se através do sentir-se como um integrante.

A cooperação consiste na contribuição interpessoal na direção da tarefa, expressando-se como os membros do grupo integram os diferentes papéis no sentido da interdisciplinaridade (heterogeneidade grupal), que leva a uma maior homogeneidade em relação à tarefa.

A pertinência indica o sentir-se e colocar-se direcionalmente sobre a tarefa prescrita. A avaliação desse vetor é dada pela montante da pré-tarefa ou de criatividade e produtividade do grupo.

A comunicação aponta não apenas para o conteúdo da mensagem, mas também como esta é transmitida. Os sinais e intercâmbios possíveis entre um emissor e um receptor e os processos de codificação pelos quais passam a mensagem.

A aprendizagem é obtida pela possibilidade de abordar um projeto apoderando-se instrumentalmente de um conhecimento para operar com ele.

A *Telê* refere-se ao clima grupal, indicando um emprego dinâmico entre os vínculos pertinentes ao momento atual do aqui-agora grupal – história do grupo (horizontalidade) e os vínculos constituídos ao longo de cada história individual (verticalidade).

A dinâmica do processo grupal vai se produzindo pela aprendizagem da experiência vivenciada com os sujeitos participantes, partindo da tarefa proposta. Esta tarefa consiste no entendimento e re-significação das representações sobre a temática em discussão, visando a construção do Esquema Conceitual e Referencial Operativo Grupal (ECRO¹). Entendemos a dinamicidade e plasticidade do ECRO no trabalho em grupo, no sentido de retificar ou ratificar o ECRO individual em cada volta da espiral dialética, que se constrói na representação sobre o processo grupal, em que é possível avançar no sentido de conhecer

¹ É uma estrutura em contínuo movimento construída com nossa história de vida, auto-análise, leituras que fazemos e com as circunstâncias do momento. É um processo vivo, dinâmico, plástico em permanente ação em espiral dialética, imbuído de coragem científica para retificá-lo ou ratificá-lo a cada momento, no sentido de romper uma estrutura interna e de se confrontar com uma nova (Pichon-Rivière, 1998).

coletivamente e problematizar a temática em estudo.

Na proposta dos grupos focais, o conteúdo trabalhado pela coordenação e pelo grupo se situa primordialmente nos conteúdos manifestos, portanto, enfatiza-se a tarefa explícita em detrimento da tarefa implícita. Compreendemos, no entanto, que o referencial teórico da técnica e teoria do Grupo Operativo de Pichon-Rivière muito contribuiu para a operacionalização da técnica de grupo focal, já que se tem como propósito a manifestação, a (re) significação dos sentimentos e pensamentos. Portanto, conteúdos manifestos e implícitos.

3. Planejamento do Grupo Focal

Para que seja possível a realização do grupo focal é necessário que o pesquisador planeje as atividades a serem desenvolvidas, tais como: entrar em contato com os participantes do estudo (para definir dia da semana, data, horário e local) para a realização das sessões; definir a duração da sessão, a dimensão do grupo e a equipe de coordenação; elaborar ou selecionar o material a ser utilizado pelo grupo e o guia de temas; estabelecer o delineamento do enquadre e providenciar sala para a realização das sessões do grupo focal. Nesta fase solicita-se a confirmação da participação dos elementos que comporão o grupo.

Ressalta-se que a escolha do local deve ser neutra, ou seja, fora do ambiente de trabalho e / ou convívio dos sujeitos da pesquisa e de fácil acesso. Livre de ruídos, possibilitando a captação das falas sem interferências (MEIER; KUDŁOWIEZ, 2003). De posse destas informações, há a elaboração de ofícios para os diretores das instituições, solicitando-lhes liberação dos sujeitos

participantes para que seja possível viabilizar o grupo focal.

As recomendações da literatura quanto ao número de encontros em grupo focal são em número de três, havendo necessidade pode-se realizar tantas sessões quanto forem necessárias ao estudo (WESTPHALL *et al*, 1996; CHIESA; CIAMPONE, 1999). O tempo de cada reunião dependerá da natureza do problema em pauta (GATTI, 2005). Cada reunião grupal, em média, deve ter entre noventa minutos há três horas, objetivando coleta de dados funcional, evitando o cansaço dos participantes e a manutenção do foco do problema (NOGUEIRA *et al*, 2004; GATTI, 2005).

O planejamento é de responsabilidade do pesquisador/coordenador e do observador que formam a equipe de coordenação.

A equipe de coordenação (subgrupo) tem como premissa básica a cooperação, colaboração e clareza do papel de complementaridade dos papéis específicos (coordenador-observador) que desempenham, o que significa, que estes jamais devem se superpor ou contrapor, mas integrarem-se através da tarefa. Essa equipe permanece atenta aos vetores do campo grupal e aos demais elementos que caracterizam a dinâmica, apreendendo não só o que se fala, mas como se fala, os sentimentos implícitos ligados às falas no grupo e os fatos mais relevantes de cada encontro.

Ao contrário, o moderador de grupo focal não é diretivo, pois seu papel é o de facilitar o processo de conversação entre os membros de um grupo, deslocando seu interesse para a interinfluência de respostas que se produzem nas discussões grupais desencadeadas sobre um determinado assunto. As suas intervenções são pontuais, para

esclarecer as opiniões emitidas, introduzir e concluir tópicos de discussão (BUNCHAFT; GONDIM, 2004, p.66).

As funções do observador envolvem: receber o material em bruto trazido pelo grupo, discriminando e atribuindo sentido, ordenando e organizando as situações emergentes; registrar os diferentes emergentes do grupo, as impressões subjetivas e sensações bem como seus pensamentos sobre a dinâmica; e atentar para os vetores do campo grupal durante todo o processo de observação (abertura, desenvolvimento e fechamento). O observador poderá ser ou “não falante”, pois, fica liberado das exigências da interação verbal, constituindo-se em porta-voz da contratransferência, cabendo-lhe registrar os momentos mais significativos da dinâmica do grupo em cada encontro.

É importante a elaboração de relatórios das sessões grupais, tanto pelo pesquisador/coordenador como pelo observador, contendo suas impressões, percepções e observações da dinâmica grupal. Estes relatórios junto ao material gravado das sessões irão subsidiar a análise grupal dos dados.

4. A operacionalização do Grupo Focal

No momento da sessão grupal, o trabalho é iniciado a partir da apresentação de cada um dos participantes (nome e procedência).

Em seguida, é enfatizada a importância do grupo focal para o estudo, qual a sua finalidade, objetivos e as estratégias de trabalho, de modo, que os participantes compreendam que o grupo focal é uma técnica de pesquisa qualitativa que visa obter dados sobre sentimentos, emoções, opiniões, comportamentos e valores e que

propicia a reflexão coletiva, buscando a construção de um ECRO sobre o assunto a ser discutido; e, que o exercício maior consiste em aprender a pensar coletivamente.

Explicar que na tarefa a ser desenvolvida, existem dois níveis. O primeiro nível é explícito, isto é, está declarado. Porém, o outro nível é o implícito, que se relaciona aos conteúdos latentes, afetivos inconscientes. Estes níveis são importantes para a elaboração de vivências e re-significações. Daí a importância da presença do observador como aporte de conhecimentos da psicologia para abordagem das questões que surgem em qualquer grupo.

É necessário estabelecer o enquadre solicitando o consentimento escrito dos sujeitos participantes do estudo, quanto aos parâmetros adotados, visando à manutenção da constância do local, dia, horário, duração, compromisso de comunicação de ausência ou desistências e o estabelecimento da tarefa do grupo.

A observação da objetivação e ancoragem é importante, pois, busca-se apreender a tornar o estranho em familiar e/ ou o familiar em estranho. Ou seja, através da aproximação com a tarefa pode ocorrer a interação, a partir do encontro, da vivência e história de cada um (verticalidade) com a história e as representações coletivas do grupo (horizontalidade).

“Os participantes se dão conta das crenças e atitudes que estão presentes em seus comportamentos e nos dos outros, do que pensam e aprenderam com as situações da vida, através da troca de experiências e opiniões entre os participantes” (DE ANTONI *et al*, 2001).

5. A organização dos dados das sessões de Grupo Focal e a análise do acontecer grupal

Os três encontros grupais devem ser gravados com a finalidade de garantir a precisão, mais próxima possível, da fala dos sujeitos. Os relatórios elaborados pelo coordenador e observador devem ser confrontados com os dados das sessões grupais.

As sessões do grupo focal e os relatórios geram uma grande quantidade de informações em estado bruto, que necessitam de sucessivas análises. Dessa forma, o embasamento teórico adotado, os objetivos e os pressupostos colocados para o desenvolvimento da pesquisa são considerados, pois, o dado não existe por si só, ele é “construído” como resultado da relação entre as questões teóricas elaboradas e as perguntas que fazemos diante do material empírico.

As sessões grupais são inicialmente transcritas e digitadas para posteriormente serem realizadas as leituras de cada uma e do conjunto das mesmas, elaborando as crônicas e depois a síntese final.

Assim, a análise do acontecer grupal vai conformando o indivíduo, o grupo e a instituição, sendo o momento mais difícil e trabalhoso. Exige que o pesquisador se debruce sobre o material grupal, após cada encontro para planejar o seguinte. Isto requer uma atitude de verdadeira ‘imersão’ no trabalho e um despojamento de atitudes previamente instituídas na postura de pesquisador-participante.

6. O projeto grupal resultante da técnica de grupo focal em pesquisa social: uma possibilidade para a aceitação ativa

O grupo focal como estratégia de coleta de dados em pesquisa social possibilita lidar com instrumentos de intervenção grupal, que compreendem as dimensões subjetivas. Constitui-se em espaço em que é possível explicitar as dificuldades que se cristalizam.

A utilização do grupo focal tem crescido bastante no âmbito da pesquisa social, o que requer esforços analíticos que (re) interpretem e trabalhem em consonância com as demandas dos cidadãos. Portanto, recebe destaque por sua importância para o futuro da pesquisa social, vez que demanda cada vez mais uma postura crítica e dialética, visando à superação dos pontos contraditórios, tornando-os públicos para que possam também ser submetidos a outras críticas (CRUZ NETO *et al*, 2002).

As sessões do grupo se constituem em aprendizado coletivo e que particularmente para o pesquisador, significa aprender a ouvir o outro e a conter a verbalização, buscando entender a experiência do outro, vivida como momento único, porém, compartilhada na singularidade do grupo e livre de julgamento. Esse é um processo infinito de desenvolvimento que necessita de constantes ajustes: Como se afastar de ser essencial sem polarizar? É um exercício de ir-se fazendo desnecessário, constituindo-se em força instituinte (manutenção do que aí está) capaz de provocar transversalidade, que tende a mudança.

“Talvez seja a grande oportunidade de os pesquisadores verem, na prática, os efeitos de suas pesquisas e de realizarem o sonho de

constatarem o efeito social do seu trabalho” (GOMES, 2005, p.8).

Neste sentido, Pichon-Rivière (1998b, p.11) assinala que “entendo o homem configurando-se numa atividade transformadora, numa relação dialética, mutuamente modificadora, com o mundo, relação esta que tem seu motor na necessidade”.

Assim, apreendemos como a controvérsia e a contradição vem à tona e qual o projeto formulado pelo grupo em função dessas representações. Neste sentido, esta estratégia assemelha-se a investigação – ação.

O aprender a pensar é uma atividade regida por situações de complementaridade dialética, envolvendo o pensar do senso comum e o pensar científico. Na questão da subjetividade é necessário o investimento no desenvolvimento da postura de adaptação ativa, pois abre possibilidades de busca de espaços de vivência de relações afetivas, em que é possível a troca e o exercício do pensamento.

Neste sentido, concordamos com Amaral (1995, p. 67), ao colocar que “a aceitação ativa significa a presença não passiva no cotidiano de cada um; significa o não deixar submergir pelo redemoinho de culpas e perdas; significa entrar em contato com os próprios limites e com os potenciais; significa expor os conteúdos inconscientes à sabedoria para alcançar níveis ótimos de relações interpessoais”.

O olhar vivo em movimento precisa ser explorado e exercitado, num movimento de aprendizado, de reaprender a olhar, de se permitir enxergar outras formas, de escutar os ruídos provenientes e constituídos no cotidiano, e ao mesmo tempo em que se oculta, se revela e reclama uma crítica. É interjogo de

revelação e ocultação (FORTUNA, 1999).

Referências

- AMARAL, L. A.; **Conhecendo a deficiência** (em companhia de Hércules). São Paulo: Robe, 1995.
- BUNCHAFT, A.F.; GONDIM, S.M.G.; **Rev. Estudos de Psicologia**, PUC-Campinas, v. 21, n. 2, p. 63-77, maio/agosto 2004.
- CHIESA, A. M.; CIAMPONE, M. H. T., 1999. Princípios gerais para a abordagem de variáveis qualitativas e o emprego da metodologia de grupos focais. In: **A Classificação internacional das práticas de enfermagem em saúde coletiva**. Brasília, ABEn, p.306-324.
- CIAMPONE, M. H. T., 1998. **Grupo operativo – construindo as bases para o ensino e a prática na enfermagem**. Tese de Livre – Docência. São Paulo. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo.
- CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. **Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação**. 2002. Disponível: http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2002/Com_JUV_PO27_Neto_texto.pdf. Acesso: 10 abril 2010.
- DE ANTONI, C.; MARTINS, C.; FERRONATO, M. A. et al. **Grupo focal: método qualitativo de pesquisa com adolescentes em situação de risco**. Arquivos Brasileiros de Psicologia, v.53, n.2, 2001, p.38-53.
- FORTUNA, C.M, 1999. **O trabalho de equipe numa unidade básica de saúde: produzindo e reproduzindo-se em subjetividades – em busca do desejo, do devir e de singularidades**. Dissertação de Mestrado. Ribeirão Preto. Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Universidade de São Paulo.
- GATTI, B. A. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.
- GOMES, S. R. O grupo focal: uma alternativa em construção na pesquisa educacional. **Caderno de pós-graduação**, v.4, 2005, p 39-45.
- GRUNSPUN, H.; **Psicoterapia lúdica de grupo com crianças**. São Paulo, Atheneu. 1997.

MEIER, M. J.; KUDLOWIEZ, S.; Grupo focal: uma experiência singular. **Texto & Contexto Enfermagem**, Florianópolis, v.12, n.3, p. 394-399, 2003.

NOGUEIRA-MARTINS, M.C.F; BOGUS, C.M.; Considerações sobre a metodologia qualitativa como recurso para o estudo das ações de humanização em saúde. **Saúde e Sociedade**, v.13, n.3, p.44-57, 2004.

PICHON-RIVIÈRE, E., 1998a **O processo grupal**. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes.

PICHON-RIVIÈRE, E., 1998b. **Teoria do vínculo**. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes.

SERVO, M. L. S.; **O pensar, o sentir e o agir da enfermeira no exercício da supervisão na rede SUS local**: o (re) velado de uma práxis. Tese de Doutorado. São Paulo. Escola de Enfermagem. Universidade de São Paulo. 1999.

SERVO, M. L. S.; **Supervisão em Enfermagem**: o (re) velado de uma práxis. Feira de Santana-BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2001, 246p.

WESTPHALL, M.F; BÓGUS, C.M. & FARIA, M.M.; Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Bol. Oficina Sanitária Panamericana**, v.120, n.6, p.472-482, 1996.